

CIDADE

O duro dever me chama alhures, mas vou me deixando ficar em S. Paulo. Vejo — diz com melancolia Di Cavalcanti apontando pela janela a massa dos edifícios — vejo que amontoado de blocos que tristeza! Também da minha janela de hotel vejo a cidade crescendo em imensos paralelepípedos de cimento com luzes brilhando nos pequenos quadriláteros da janela. Essa geometria comercial me entristece; e como Di Cavalcanti está com o fígado ruim cumpro o dever de beber por ele e por mim, e tantas faço que perco os óculos — sou um senhor analfabeto neste hotel de luxo, sem olhos em Gaza, sem óculos no Comodoro — vejo passar, grave, o sr. Otávio Mangabeira; depois à noite, no bar, aparecem deputados federais alacrememente em férias, é o sr. Castilho Cabral que fala do inquerito, o sr. Licurgo Leite que explica o discurso de Muzambinho, são o sr. Emilio Carlos e mais outros, depois uma senhora canta coisas...

Será a Bienal que me prende em S. Paulo? Passo meia hora entre as coisas de Calder, não gosto da matéria de Tamayo, mas seus "Telhados" são perfeitos de beleza, e é engraçado que nessa confusão da Bienal eu o associo a um barranco e uma estrada de Parreiras, um pequenino quadro quase abstrato que está na mostra da paisagem brasileira. Mais tarde no gabinete do prefeito Janio Quadros vejo um Parreiras medonho, parece ser um bandeirante morrendo no mato, há também um sinistro imenso quadro de arcadas, parece pintura espanhola, pode ser a Faculdade de Direito; há também um retrato e umas frases de Lincoln e uma imagem de Nossa Senhora que dois votantes de Janio foram até Aparecida apanhar, indo e voltando a pé, conforme a promessa.

O melhor quadro desse gabinete ainda é o grande mapa da cidade de S. Paulo onde Janio estuda o problema da coleta do lixo. Estou ficando tonto de tanto ver pintura e também de substituir Di Cavalcanti no bar da Bienal. Cercado de máus quadros e bons auxiliares, Janio marcha, explosivo, para a conquista da governança; a política paulista é hoje a mais dividida do Brasil; sou informado de que o sr. Garcez está convocando gente para deflagrar uma forte e rasgada campanha política, montar escritórios eleitorais, mandar amigos correr o interior. O secretário da Segurança parece que vai pular fora, em seu lugar talvez fique o deputado Ulisses Magalhães; Magalhães ou Guimarães? Sempre é penoso para mim distinguir entre Magalhães e Guimarães; continuo a confundir nomes de pessoas, cometer "daffes" e passar vexames.

Sinto-me antipático, e entretanto sou humilde, e na hora de pagar o taxi peço à antiga e bela amiga: "ajude o pobre ceguinho a contar seu dinheirinho". Encontro outra amiga também bela e conversamos longamente sem qualquer malícia; descobrimos que estamos envelhecendo bem os dois, ficando maduros ainda que um pouco tristes, eu na frente uns 8 anos, ela mais calma do que antigamente, mas livre por dentro de si mesma, quase feliz — e estou contente de encontrá-la assim. Essas amizades são minha riqueza, estou com o peito cansado de amar, preciso apenas de um mínimo de carinho, um aperto de mão que tenha atrás um sorriso, um "prazer em vê-lo" que tenha mesmo algum prazer, um "bom dia" tão alegre e tão sincero que me faça mesmo bom o dia. Sinto-me suave e puro: um senhor que passa a sua tarde a ver quadros e apenas não pode ler porque os óculos sumiram e a vista está cansada — mas a alma não. De repente me lembro de um velho samba de Cartola que diz: "as lágrimas que eu choro sem cessar são pérolas para o teu colar". Sem lágrimas na face, sem olhos em Gaza, sem óculos no Comodoro anoiteço na melancólica janela ouvindo o susurro urbano esmorecer. E digo ao dia, com pesar: adeus.

111184 R. B.